



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **USOS E COSTUMES, TRADIÇÕES E BRUXARIA NAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.**

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1928 | Número: 38

---

### **Como citar este documento:**

BRAGA, Alberto Vieira, Usos e costumes, tradições e bruxaria nas obras de Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 38 (1-2) Jan.-Jun. 1928, p. 81-84.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Usos e Costumes, Tradições e Bruxaria nas obras de Camilo Castelo-Branco

(Cont. de pág. 124 do vol. XXXVI)

“Tais interrogações me fiz durante o dia, contemplativo sempre, sempre poeta scismador, não obstante as interrupções da minha Pôncia, que, vendo o meu fastio ao jantar, obrigou-me a tomar um chá de fel-da-terra para limpar o estômago.

Pôncia era uma criatura de singular chateza. Falar-lhe nesse amor vulcânico, que ela trocava em mal de estômago, era forçá-la a esconjuros e benzedelas que me aguavam tôda a poesia da expansão.

...Pôncia, depois de sorver uma pitada de estur-rinho, exclamou:

— ¿Sabe vossemecê o que essa rapariga há-de fazer? Que reze uma novena às Almas, e prometa uma romaria à S.<sup>ra</sup> da Guia para que a guie bem.” — (*Scenas da Foz*, 5.<sup>a</sup> edição, pág. 158).

Esta parte revela perfeitamente o espírito das muitas assustadiças velhas Pôncias que andam espalhadas pelo mundo.

A escola das velhas feiticeiras, corpos-abertos, adivinhas e talhadeiras do ar e males ruins, é que tem conservado o nosso povo no balanço supersticioso dos receios e dúvidas, levando-o à prática dos ensalmos para a eficácia das curas e a preventivas benzilhices.

«Refrigerados os ardores da quasi infantil saudade da terra em que entrevira o crepúsculo, o crepúsculo somente do meu primeiro dia feliz, saí do Pôrto, e fui a Guimarães não sei para quê, nem com que destino.

.....  
 Vi lá em baixo, entre florestas e jardins, o berço da monarquia, a faustosa cidade que teve academia de sábios, que rivalizava com as mais graduadas, em seu tempo, na capital. Nada me lembrou de Guimarães, ao descortiná-la por entre a abóboda do arvoredo, senão que ali haveria um leito onde eu encostasse a cabeça esvaída de febre. Nem sequer me ocorreu que as mais lindas mulheres, que um viajante encontrara na península, eram de Guimarães; e que, numa aldeia daqueles arrabaldes, também ao senhor A. Herculano se depararam as mais formosas.

Muita cousa haveria bonita em Guimarães; mas o que não houve lá para mim foi um leito onde encostasse a cabeça.

Guiaram-me para o primeiro hotel da terra, denominado o da Joaninha.

.....  
 Não me lembram outras execráveis, senão a senhora Joaninha da estalagem de Guimarães.

O deminutivo aqui é figura que os retóricos nomeiam antífrase. Joaninha é de uma velhez repelente, e está curtida em camadas de lixo empedrado. A sua casa é pântano de miasmas, e os seus leitos guardam nas furnas, roídas pelos dentes dos séculos, muito bicho, coevo do rei Bamba, que lhe cravou a oliveira à porta. O repasto, que ali se dá na banca de pinho contígua ao leito, seria um cozinhado de Locusta, se tivesse a subtilidade dos celebrados venenos da romana. E' cousa que puxa pelo estômago e o desmancha febra a febra.» — (*Memórias do Cárcere*, 5.<sup>a</sup> edição, vol. I — discurso preliminar — pág. 22, 23 e 24).

Sobre a Academia ver o que já se disse a pág. 194 e 195 do vol. 35.<sup>o</sup> desta revista.

As mulheres de Guimarães tiveram sempre, noutros tempos, grandes admiradores. Já Ramalho as distinguiu entre as demais, etc.

*Na aldêa de Araduca celebrada  
Pela rara belleza das pastoras.*

Estes versos encontram-se no *Guimarães*, vol. I, pág. 5, de P.<sup>o</sup> Caldas, onde mais notas se podem ver.

Nos tempos de hoje confundem-se, as mulheres, e são iguais às mulheres de tôda a banda.

A estalagem da Joanhinha foi no seu tempo o melhor *hotel* da vila de Guimarães. Desapareceu há uns bons cinqüenta anos. Ocupava no largo da Oliveira a casa pegada à Câmara, hoje propriedade do Sr. Júlio Pereira de Figueiredo, tendo já nesse tempo o mesmo aspecto de construção, talvez sem o correr do último andar, com alpendrada em baixo e cozinha térrea. — (*Informação particular*).

«E' de saber que Luís Lopes, António Manuel e José Vieira, que ainda vive, foram em anos verdes, três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe, que bastaria a qualquer dêles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir, como o rei da Suécia fazia às botas.

As mais memoráveis façanhas dos Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. Aí apareciam os três campeadores mascarados, como era de uso em mancebos de famílias de alto porte. As máscaras afiavam as chanças de outros chibantes, e dêste gracejar de mau agouro procedia o partirem-se as caras por debaixo das máscaras, como se as não quisessem para outro mester, ou as sacrificassem à Padroeira da romagem, como os índios se estiram sob as rodas das carroças dos seus ídolos.

A Senhora de Antime é de pedra, e pesa com a charola vinte e quatro arrobas. Os mais possantes moços da freguesia pegam ao banzo do andor.

.....  
A sucessão da valentia corporal passou para o ramo feminino dos Vieiras. Tem José Cardoso três primos abades em igrejas do concelho de Fafe. Dêstes,

dois revivem a tradição da família, mas não se exibem nas feiras e romarias. Algumas vezes corre o boato de que em tal sítio se fez justiça de Fafe a bordoadada surda." — (Idem, idem, pág. 29, 30, 32 e 33).

Daqui talvez a fama tradicional da célebre *justiça de Fafe*. (Ver, a pág. 122 do vol. 36.º desta revista, mais esclarecimentos).

«Era a do lavrador que testemunhara o assassínio; e acrescentou êste, no depoimento, que o sangue do cadáver começou a correr quando o matador se aproximou. A sciência não autoriza isto; mas a sciência não sabe os segrêdos de Deus.» — (Idem, pág. 153).

E' radicada crença popular. No nosso vol. de *Tradições e Usanças de Guimarães*, a pág. 329, sôbre êste assunto damos a conhecida e vulgar superstição: Criminoso que se leve à beira da criatura que matou, embora passado muito tempo de o ter feito, logo pelos golpes ou ferimentos a pessoa assassinada principia a deitar sangue, denunciando assim o criminoso.

«Estava a môça, como o outro que diz, entre as três e as quatro, por não dizer, com o outro anexim, entre a cruz e a água-benta, que mais vivedoura e vermelhaça nunca ela estivera!» — (Idem, pág. 163).

Presentemente são mais vulgares as correspondentes expressões: entre as dez e as onze, entre a cruz e a caldeira, entre a cruz e o Calvário, entre a espada e a parede, etc.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.